

O Militante



BOLETIM DO COMITÉ CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

SOBRE A DEFESA DO PARTIDO

O desastre de Dezembro, que nos roubou alguns dos nossos melhores e mais experientes quadros de Direcção obrigou a fazer uma análise mais profunda dos problemas ligados à defesa do Partido.

Verificado que o liberalismo e a indisciplina na defesa da actividade partidária e a sua raiz política — a substituição do fascismo e do seu aparelho repressivo — se faziam sentir antes de mais no seio do quadro de funcionários do Partido e mesmo nos seus escalões mais elevados, houve a preocupação de começar desde cima um combate sistemático às faltas conspirativas, ao desrespeito pela disciplina partidária e a todas as provas de incompreensão política sobre o regime em que vivemos.

As prisões que se deram já este ano e que atingiram profundamente o quadro de funcionários e organismos de direcção do Partido, embora tenham origens diversas, provam que a luta travada pela defesa do Partido e, em particular, do seu aparelho clandestino, não tem tido êxito.

É verdade que o aparelho repressivo do fascismo está hoje apetrechado com meios muito poderosos e tem à sua mão uma rede enorme de bufos e de outras formas de recolha de informações que lhe podem permitir alguns sucessos. Igualmente as miseráveis traições de gente que militou no Partido, alguns mesmo no quadro de funcionários, têm fornecido à polícia de Salazar amplos dados sobre os métodos de trabalho Partidários, dados de que a polícia se aproveita na medida em que o Partido não modifica ou melhora os seus métodos de defesa. Por outro lado a Pide não desiste de infiltrar no Partido elementos seus sempre que se abranda a vigilância apertada no recrutamento, no conhecimento dos quadros, na sua evolução e promoção.

Mas muitas das prisões realizadas não encontram explicação somente nas possibilidades reais que a Pide tem em nos alcançar. Dum modo geral, na base dessas prisões, encontramos erros conspirativos graves que são prova de indisciplina e dum profundo liberalismo.

E se, na verdade, os meios que actualmente a repressão fascista possui comportam maiores possibilidades em localizar mesmo os nossos quadros que vivem na clandestinidade, isso é mais uma razão para o fortalecimento dos cuidados conspirativos, isso é uma razão que torna mais indisculpável os graves erros, que constantemente se estão cometendo mesmo dentro do quadro de funcionários, mesmo entre camaradas com responsabilidade de direcção.

Actualmente a defesa da actividade partidária tornou-se um problema vital para o Partido.

Tudo o que se tem vindo a fazer no que respeita a educar o quadro de funcionários num espírito de intransigência ante as faltas conspirativas tem ainda de ser reforçado.

O que alguns sectores estão já fazendo no sentido de levar às organizações a seu cargo o esclarecimento das regras conspirativas e de controlar o seu rigoroso cumprimento, deve ser prosseguido com redobrado vigor e deve servir de exemplo aos sectores em que os problemas conspirativos ainda não estão a ser devidamente analisados.

O EXEMPLO TEM DE VIR DE CIMA

A experiência de muitos anos de clandestinidade forneceu ao nosso Partido uma série de conceitos e regras conspirativas que são extremamente úteis para a nossa defesa.

É natural que, com o tempo, alguns métodos de trabalho, algumas formas de resolver determinadas questões que se prendem particularmente com a vida na clandestinidade, percam a sua eficácia, tornam-se velhos e seja necessária a sua substituição.

Mas as regras conspirativas fundamentais, essas não se modificam e se, em relação a alguns processos de defesa é necessário proceder a qualquer mudança ela não é no sentido de os eliminar mas de os reforçar, de lhes permitir que nos dêem mais garantias.



O rigoroso cumprimento das regras conspirativas é portanto um auxiliar precioso, imprescindível para a nossa defesa. O respeito pelo conjunto das resoluções partidárias que se referem à defesa é que pode dar a esta alguma garantia.

Mas evidentemente que não há resoluções para tudo, para todas as situações e casos. Em muitas circunstâncias, na vida do dia a dia, é preciso constantemente definir a melhor conduta em relação a determinada situação.

Naturalmente que das resoluções que conhecemos se pode inferir muitas vezes qual o melhor caminho a seguir, outras vezes terá de ser a nossa sensibilidade conspirativa que tem de encontrar a solução justa.

Para educarmos o nosso Partido no rigoroso cumprimento das resoluções conspirativas e para criarmos em todas as organizações uma sensibilidade conspirativa capaz de nos defender é evidente que tem de ser o corpo de funcionários o primeiro a dar o exemplo, o primeiro a defender rigorosamente os segredos do Partido, o primeiro a não cometer inconfiências, o primeiro a chegar pontualmente aos encontros, o primeiro a não escrever ou ter consigo documentos que comprometam camaradas, o primeiro a lutar contra a indisciplina e o liberalismo conspirativos, em suma, o primeiro a ter para com a defesa do Partido um desvêlo constante e intransigente.

Em todas as organizações do Partido são os camaradas mais responsáveis que têm de dar o exemplo. No quadro de funcionários também são os camaradas com tarefas de direcção que têm de ser os primeiros a cumprir.

Por isso é natural que antes de mais seja entre os funcionários do Partido que se deva fazer sentir um maior rigor no cumprimento das resoluções conspirativas e se exija mais da sua sensibilidade conspirativa. Daí que a aplicação de sanções às faltas mais graves deva começar por esses camaradas e deva ainda ser mais rigorosa para com os mais responsáveis dentre eles. Só vencendo nos quadros mais responsáveis as suas deficiências conspirativas é que o exemplo poderá vir de cima.

A DEFESA DO PARTIDO

CARECE DUM FIRME CONTROLE

Tal como se controlam nas reuniões do Partido o cumprimento das tarefas que foram assentes, tal como se controla a recolha de fundos ou os passos dados para levar por diante uma determinada acção reivindicativa, também é necessário controlar o que se está fazendo no sentido da defesa do Partido, qual o cuidado com que se está trabalhando, com que vigilância de classe se está procedendo no recrutamento, quais os acontecimentos suspeitos que feriram a atenção, qual a actividade dos elementos policiais, etc., etc.

A situação conspirativa dos quadros deve ser

acompanhada com muito cuidado. Em relação aos que vivem na clandestinidade esse cuidado é muito mais exigente pois obriga a descer ao pormenor no que respeita à defesa da instalação, a toda a sua movimentação, aos contactos que teve, aos transportes utilizados, etc.

E este controle, exigente, que deve pôr a nú as faltas conspirativas, que deve revelar onde se encontram os pontos perigosos para a defesa, tem de ser constante.

É necessário dar o exemplo; mas, além disso, é necessário também controlar. É necessário cumprir e é necessário fazer cumprir.

Antes das prisões de Dezembro do ano passado o controle da situação conspirativa chegou a desaparecer em alguns sectores. Com a aproximação do período «eleitoral» e o seu decorrer, foi imprimido um ritmo tal ao trabalho político que todos os funcionários (a começar pelos camaradas do Secretariado) tiveram que se lançar numa movimentação exagerada para suprir fraquezas de organização e incompreensões políticas. Como única expressão ligada à defesa conspirativa era normal trocarem-se as recomendações de «Cuidado, defendam-se». Mas enquanto as tarefas políticas eram controladas, não o eram nem os cuidados de defesa de cada funcionário nem a situação conspirativa existente nas organizações.

Dos primeiros a pagar os frutos duma tal situação, plena de liberalismos e de indisciplina, foram os próprios camaradas do Secretariado e alguns dos seus mais próximos colaboradores. Mas foi o Partido, todo o Partido, que sofreu as nefastas consequências desse golpe policial.

A AUTO-CRÍTICA TEM DE TER UMA EXPRESSÃO PRÁTICA

Na medida em que se avança no controle da situação conspirativa, na medida em que se analisa o comportamento em matéria conspirativa dos quadros do Partido, é que saltam à vista as faltas cometidas, é que se pode ajudar os camaradas a melhorar o seu trabalho.

A crítica e a auto-crítica são as armas fundamentais para o melhoramento de todo o nosso trabalho.

A crítica tem o objectivo de pôr a claro uma falta, explicar-lhe a origem e apontar o caminho para que não se repita. A auto-crítica não é simplesmente o reconhecimento da falta, é a compreensão das suas raízes e a sua eliminação na prática.

Dois exemplos. Um camarada fez uma credencial para que um outro militante pudesse ser ligado a um determinado sector. Mas nessa credencial escreveu, por extenso, as indicações do nome e morada do credenciado. Isto é um erro conspirativo grosseiro. Por o ter feito, na reunião do seu organismo, o camarada foi criticado e reconheceu a justeza da crítica. Passado pouco tempo comete a mesma falta. Que significa isto? Que o camarada

não compreendeu a crítica, que não fez qualquer auto-crítica.

Um outro camarada, que está actualmente numa tarefa muito responsável, comete uma grave falta conspirativa. No seu organismo o camarada foi criticado e dada a gravidade da falta foi mesmo proposto que o Secretariado o sancionasse. Entretanto o camarada, como resposta, afirmou que os outros membros do seu organismo também cometiam erros e procurou então indicar alguns que não achara de interesse indicar quando a actividade desses camaradas fora analisada. Que significa isto? Que ainda não se compreende o que representa a crítica e daí a impossibilidade de se fazer uma auto-crítica correcta.

Muitos outros exemplos poderiam ser dados de camaradas que continuam a cometer erros semelhantes a outros que já foram analisados e criticados. O afirmar-se: «reconheço o meu erro» ou dizer-se mesmo «eu não tenho dificuldade em reconhecer os meus erros», não significa que se trata duma auto-crítica.

A auto-crítica que o Partido necessita deve pôr a nú as razões profundas dos erros e tem uma expressão prática — é a não repetição dos erros criticados.

COMPREENDAMOS POLÍTICAMENTE

O PROBLEMA CONSPIRATIVO

Ao apreciar o comportamento de alguns camaradas em relação à sua defesa e à defesa do Partido, ao analisar os sucessivos erros de indisciplina e de profundo liberalismo, ocorre muitas vezes a afirmação de que há camaradas que se comportam como se no nosso país não existisse o fascismo.

Esta simples afirmação aponta a origem das incompreensões conspirativas.

E, na verdade, é o fascismo, o regime terrorista dos monopólios e dos latifundiários que existe no nosso país. O terror, que o caracteriza, é mantido pela Pide com todo o seu cortejo de espiões e lacaios, pelas outras forças repressivas, pelos tribunais políticos, pelos mil e um processos copiados de outros regimes fascistas ou criados pelos salazaristas para intimidar, prender, torturar e assassinar.

É esta realidade, não viva no nosso país, que temos de ter constantemente presente na nossa actividade. Enquanto existir o fascismo a actividade dos militantes do Partido sofrerá uma perseguição constante e cruel.

Actualmente, que o fascismo vive a sua maior crise, essa perseguição não abranda, pelo contrário, torna-se mais geral e mais feroz. Todos os meios são lançados contra as forças anti-salazaristas e, entre estas e em especial, contra os comunistas.

Por isso as nossas faltas hoje são pagas muito mais caras, por isso as mais pequenas faltas po-

dem conduzir a graves prejuízos.

Como se dizia no artigo «Por uma viragem radical no trabalho conspirativo» (Militante nº 104): «Num país de ditadura fascista, como o nosso, o melhor trabalho político e de organização pode ser anulado por um mau trabalho conspirativo. Um mau trabalho conspirativo é susceptível de conduzir à destruição de todo o restante trabalho positivo do Partido.»

O desastre de Dezembro e os golpes que temos sofrido já este ano colocam-nos muito seriamente a necessidade de eliminar o mau trabalho conspirativo. E porque este tem como sua raiz uma incompreensão política daí a grande batalha que temos de travar, do topo à base, contra as ideias que sublimam o fascismo e o enorme e bem aparelhado aparelho repressivo em que se apoia para subsistir.

UMA TAREFA URGENTE E CENTRAL

No mesmo artigo de «O Militante» dizia-se, em Maio de 1960: «Se não formos capazes de rectificar prontamente as nossas graves deficiências, o Partido sofrerá sem dúvida, a curto prazo, novos e rudes golpes.»

Não era uma profecia, era uma análise sã da situação do Partido de então. E a verdade foi depois visível a todos, com a sucessão das prisões.

Agora, no fim de Agosto de 1962, a situação é idêntica, ou antes, é pior, pois foi agravada pela falta de muitos camaradas que se encontram nas masmorras salazaristas. As mesmas palavras podem, pois, ser escritas:

«Se não formos capazes de rectificar prontamente as nossas graves deficiências, o Partido sofrerá sem dúvida, a curto prazo, novos e rudes golpes que comprometerão o seu trabalho político e organizativo e são susceptíveis de impedir de facto o Partido de cumprir, nos tempos mais próximos, a sua missão determinante na luta pelo derrubamento do fascismo.»

Depois das grandes jornadas de Maio, da luta de centenas de milhares de operários agrícolas pelas 8 horas e melhores jornas, de dezenas de milhares de operários industriais por aumento de salário, da heroica luta dos estudantes, etc., e em vésperas de novas e importantes jornadas anti-fascistas, num momento em que, mais do que nunca, a classe operária necessita que o seu Partido avance e a guie na luta pela Unidade Nacional anti-fascista, na luta pelo derrubamento do fascismo, aquela nova constatação marca toda a gravidade da actual situação conspirativa do nosso Partido.

Pôr cobro aos erros de carácter conspirativo eis a tarefa urgente e central do nosso trabalho. Este é um dever de todos nós.

Todos unidos em volta da nossa direcção seremos dignos desta grande tarefa e criaremos aquelas «condições de segurança, estabilidade e continuidade que permitirão a ampliação e intensificação da acção do Partido em todos os domínios.»



SOBRE A DEFESA DO PARTIDO

«Deve dizer-se com toda a clareza que o relaxamento, o espírito de facilidade, a leviandade, o aventureirismo, a falta de disciplina em matéria conspirativa, instalaram-se de tal forma nos quadros do Partido que o Partido pode sofrer mais baixas a curto prazo.

Não bastarão artigos na imprensa central em que se aborde este problema, não bastarão discussões na Direcção central, circulares e instruções verbais, para que se opere a viragem radical do trabalho conspirativo que se impõe. Para que ela se opere será necessária uma grande batalha de todo o Partido, do topo à base; uma batalha contra as concepções políticas que subestimam a força ainda vigorosa do fascismo, contra os métodos mais fáceis de actividade, contra o vicioso frenesi de movimentação que afinal se traduz numa maior lentidão na execução das tarefas, contra hábitos de desorganização, de atabalhoamento, de leviandade, de personalismo, de indisciplina, que têm feito escola. Essa grande batalha tem de ser travada por todo o Partido e só na medida em que seja ganha para essa batalha a compreensão, a diligência, a vigilância, a combatividade, a intransigência, da maioria das organizações e membros do Partido, só nessa medida ela poderá ser ganha.»

(Dum artigo do «O Militante» n.º 107)

«Outro dos grandes males é o hábito de ajuizar da importância das faltas por aquilo que delas resulta: se resultam graves prejuízos imediatos, a falta é considerada grave; se não resultam tais prejuízos, passa-se uma esponja por cima da falta. Para corrigir este mal, impõe-se, no trabalho diário das organizações, a consideração da gravidade das faltas, não só pelos prejuízos imediatos que delas resultam, como também por aqueles que delas podiam ter resultado.»

(Dum artigo do «O Militante» n.º 104)

«A boa vontade e a dedicação ao Partido não podem ser medidas numa única direcção. Actualmente, nas condições do regime fascista, uma das direcções em que devemos medir com mais atenção a boa vontade e dedicação dos membros do Partido é a da defesa do Partido. Os camaradas que não mostrem boa vontade e dedicação nessa direcção, podem-nos causar mais prejuízos do que ajudar a nossa acção.»

(Dum artigo de «O Militante» n.º 105)

«As grandiosas lutas que o nosso povo tem travado ultimamente provocaram uma maior intensificação da repressão fascista. Todos os meios e possibilidades são aproveitados para descarregar sobre o nosso Partido golpes duros, golpes que prejudicam seriamente a luta do nosso povo.

As últimas prisões efectuadas são nitidamente o resultado duma grande ofensiva policial. Esta ofensiva policial não abrandou. A agudização da luta no nosso país torna essa ofensiva ainda mais intensa. É da compreensão do que é o fascismo e, em par-

ticular, do que é o fascismo quando vê as massas a levantarem-se resolutamente contra ele, que devemos partir para as nossas medidas de defesa e para a eliminação dos nossos erros e deficiências.»

(Duma Circular do Secretariado do C.C. a todos os funcionários do Partido - Junho de 1962)

«Em todas as reuniões dos organismos do Partido o problema da defesa dos quadros, das organizações e do Partido deve ser analisado, mas não em abstrato. O trabalho de defesa do Partido está estreitamente ligado ao trabalho de organização e à aplicação inflexível dos princípios orgânicos que regem o Partido. Tais princípios devem ser conhecidos por todos os militantes do Partido, condição para que os mesmos possam orientar a sua actividade por eles.

A discussão nos organismos do Partido só pode resultar se ela tiver lugar à base do trabalho realizado por cada um dos seus componentes, das experiências práticas de cada um, dos sucessos e dos insucessos de cada um. Quer dizer: a discussão deve ser travada em volta da actividade concreta, prática realizada por cada camarada pessoalmente e pelo organismo de que faz parte colectivamente. Só assim se melhorará a actividade de cada camarada em separado e de todos colectivamente. Quer dizer: Para que todo o trabalho do Partido se reforce é necessária a existência de um verdadeiro controle de execução às tarefas de cada um. Não bastará que cada camarada exponha numa reunião como realizou as suas tarefas, o que viu de estranho, como se deslocou para a reunião em que está presente, como venceu a barreira policial no local X, como agiu ante determinado acontecimento que lhe pareceu estranho, etc, etc, é necessário também, ou pode ser necessário, que os outros camaradas façam perguntas e apontem factos que por acaso tenham esquecido. A crítica e a auto-crítica devem estar sempre presentes, fraternal e amiga mas intransigente para com as faltas e os erros.

Nestas discussões terá de aparecer sempre o problema da organização. É que um bom trabalho conspirativo só poderá ter lugar se a organização estiver estruturada, centralizada mas compartimentada, se cada um realizar as suas tarefas dentro da orientação traçada pelo organismo de que faz parte ou da orientação e indicações recebidas dos organismos superiores do Partido.

Se a organização funciona bem, se está estruturada e tem todo o seu trabalho ligado a massas, se a compartimentação existe, se a crítica está sempre presente como meio de se progredir, teremos solucionado em grande parte as dificuldades que impedem a realização de um correcto trabalho conspirativo.

Aliado a isto é necessário convencer cada militante individualmente e cada organismo colectivamente (a começar por cima) da responsabilidade que têm quanto à sua defesa pessoal e quanto à defesa dos camaradas e das organizações de que são responsáveis.

(Considerações de um camarada sobre a defesa do Partido - Agosto de 1962)